

CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE DE GOIÁS (GO) - ENTRE BECOS, POEMAS DE CORA CORALINA E O ESPAÇO TURÍSTICO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Getúlio Gracelli Júnior

Discente do PPGeo – Programa de Pós-Graduação em Geografia, da UEG – Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás / GO

getuliogracelli@gmail.com

Vandervilson Alves Carneiro

Docente do PPGeo – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UEG – Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás / GO

vandervilson.carneiro@ueg.br

Jean Carlos Vieira Santos

Docente do PPGeo – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UEG – Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás / GO

jean.vieira@ueg.br

RESUMO: O presente texto - em estilo de relato de experiência - foi construído a partir de atividades de campo no Centro Histórico de Goiás (Estado de Goiás) alicerçado pela disciplina “Geografia e Ordenamento do Espaço Turístico”, do Curso de Mestrado em Geografia, da Universidade Estadual de Goiás (*Campus Cora Coralina*, Cidade de Goiás / GO) em 12 de maio de 2022. Com embasamento teórico-prático, realizou-se um trabalho de campo no Centro Histórico de Goiás (Rio Vermelho, igreja de Nossa Senhora do Rosário, casa de Cora Coralina, Praça do Coreto e Largo do Chafariz de Cauda) em 12 de maio de 2022, com apoio cartográfico, literatura específica, diálogos professores-mestrandos e vice-versa, registros fotográficos e anotações em caderneta para compor o relato de experiência. O objetivo nuclear centrou-se em apresentar as experiências vividas pelos (as) mestrandos (as) durante o trabalho de campo no Centro Histórico de Goiás tendo como cerne as obras de Cora Coralina, o material cartográfico do IPHAN e os textos dos pesquisadores Costa e Steinke (2013) e Albach e Gândara (2011). É natural que com o passar dos anos que o espaço urbano seja modificado,

porém, o Centro Histórico de Goiás permanece preservado, em vistas de alguns fatores como a depressão econômica, ou seja, a drástica redução da atividade minerária, a transferência da capital do Estado para Goiânia (na década de 1930), também o apego das famílias tradicionais da cidade ao estilo provinciano e manutenção do poder político. Acrescenta-se à lista o fato do tombamento pelo IPHAN e a declaração de Goiás como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO conservando o seu patrimônio arquitetônico, histórico, artístico e cultural. Cora Coralina, a literatura específica e as visitas *in situ* permitiram pontuar a segregação espacial que deixou marcas visíveis no Centro Histórico, ou seja, a população mais pobre foi deslocada para uma nova periferia, distante e invisível ao Centro Histórico. Estes importantes aspectos urbanos do Centro Histórico, contextualizando a vida e os becos da cidade, atraí pessoas para o turismo cultural em Goiás que é de base local, em especial o ar de cidade interiorana e tão dita nas poesias e poemas de Cora Coralina.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural da Humanidade. Cidade histórica. Trabalho de campo. Literatura goiana. Geografia do Turismo.

HISTORICAL CENTER OF THE CITY OF GOIÁS (GO) - AMONG ALLEYS, POEMS BY CORA CORALINA AND THE TOURIST SPACE: EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT: This text - in the style of an experience report - was constructed from field activities in the Historic Center of Goiás (Goiás State) based on the discipline "Geography and Planning of Tourist Space", from the master's degree in Geography, from the State University of Goiás (*Campus* Cora Coralina, Goiás City / GO) on may 12, 2022. With a theoretical-practical basis, fieldwork was carried out in the Historic Center of Goiás (Red River, Nossa Senhora do Rosário church, Cora Coralina's house, Bandstand Square and Fountain) on may 12, 2022, with cartographic support, specific literature, teacher-master's student dialogues and vice versa, photographic records and notebook notes to compose the report of experience. The core objective was to present the experiences lived by master's students during fieldwork in the Historic Center of Goiás, with the works of Cora Coralina, IPHAN cartographic material and texts by researchers Costa and Steinke (2013) and Albach and Gândara (2011). It is natural that over the years the urban space is modified, however, the Historic Center of Goiás remains preserved, in view of some factors such as the economic depression, that is, the drastic reduction in mining activity, the transfer of the capital of State for Goiânia (in the 1930s), also the attachment of the city's traditional families to the provincial style and maintenance of political power. Added to the list is the fact that it was listed by IPHAN and the declaration of Goiás as a Cultural Heritage of Humanity by UNESCO, conserving its architectural, historical, artistic and cultural heritage. Cora Coralina, specific literature and *in situ* visits made it possible to highlight the spatial segregation that left visible marks in the Historic Center, that is, the poorest population was moved to a new periphery, distant and invisible to the Historic Center. These important urban aspects of the Historic Center, contextualizing the life and alleys of the city, attract people to cultural tourism in Goiás, which is locally based, especially the air of a country town and so mentioned in the poetry and poems of Cora Coralina.

Keywords: Cultural Heritage of Humanity. Historic city. Fieldwork. Goiás literature. Tourism Geography.

CENTRO HISTÓRICO DE LA CIUDAD DE GOIÁS (GO) - ENTRE CALLEJONES, POEMAS DE CORA CORALINA Y EL ESPACIO TURÍSTICO: REPORTE DE EXPERIENCIA

RESUMEN: Este texto - al estilo de un relato de experiencia - fue construido a partir de actividades de campo en el Centro Histórico de Goiás (Estado de Goiás) a partir de la disciplina “Geografía y Planificación del Espacio Turístico”, de la maestría en Geografía, de la Universidad Estatal de Goiás (*Campus* Cora Coralina, Ciudad de Goiás / GO) el 12 de mayo de 2022. Con base teórico-práctica, el trabajo de campo se realizó en el Centro Histórico de Goiás (Rio Rojo, iglesia de Nossa Senhora do Rosário, Casa de Cora Coralina, Plaza del Quiosco y Plaza de la fuente) el 12 de mayo de 2022, con apoyo cartográfico, literatura específica, diálogos profesor-alumno de maestría y viceversa, registros fotográficos y notas de cuaderno para componer el relato de la experiencia. El objetivo central fue presentar las experiencias vividas por estudiantes de maestría durante el trabajo de campo en el Centro Histórico de Goiás, con los trabajos de Cora Coralina, material cartográfico del IPHAN y textos de los investigadores Costa y Steinke (2013) y Albach y Gândara (2011). Es natural que con el paso de los años el espacio urbano se modifique, sin embargo, el Centro Histórico de Goiás permanece preservado, ante algunos factores como la depresión económica, es decir, la drástica reducción de la actividad minera, el traslado del capital de Estado de Goiânia (en los años 1930), también el apego de las familias tradicionales de la ciudad al estilo provincial y el mantenimiento del poder político. A la lista se suma el hecho de haber sido catalogada por el IPHAN y la declaración de Goiás como Patrimonio Cultural de la Humanidad por la UNESCO, conservando su patrimonio arquitectónico, histórico, artístico y cultural. Cora Coralina, literatura específica y visitas *in situ* permitieron resaltar la segregación espacial que dejó marcas visibles en el Centro Histórico, es decir, la población más pobre fue trasladada a una nueva periferia, lejana e invisible al Centro Histórico. Estos importantes aspectos urbanos del Centro Histórico, contextualizando la vida y las callejuelas de la ciudad, atraen a la gente al turismo cultural en Goiás, que tiene una base local, especialmente el aire de una ciudad de campo y tan mencionado en las poesías y poemas de Cora Coralina.

Palabras-clave: Patrimonio Cultural de la Humanidad. Ciudad histórica. Trabajo de campo. Literatura de Goiás. Geografía del Turismo.

1. INTRODUÇÃO

Quando foi elogiada por Carlos Drummond de Andrade em artigo no Jornal do Brasil em dezembro de 1980 (Coralina, 2012c), Cora Coralina ascendeu formalmente ao panteão dos grandes poetas brasileiros. Não que já não fosse poetisa de grandeza maior, mas era desconhecida do público ou, quando conhecida, seus escritos eram tomados como simplórios ou ingênuos. Ora, se os poemas de Cora agradaram àquele que é tido como o maior poeta brasileiro, não há como negar o valor dos seus versos, que narram à vida na Cidade de Goiás.

Cora foi uma mulher de pouco estudo formal, mas tinha olhos abertos para observar o mundo e recontar as histórias - verdadeiras ou só um pouquinho incrementadas - que a cercavam. É sobre as pedras do calçamento irregular da antiga capital goiana que se passou a maior parte dessas histórias.

Em seus textos, fala de pessoas de grande importância na cidade, com sobrenomes das famílias tradicionais. Ou, ainda, de pessoas que marcaram sua vida, como a Mestra Silvina, sua professora. Mas Cora vai além, conta as histórias do povo comum e resgata da indigência os invisibilizados que viviam e morriam pelos becos da Cidade de Goiás (figura 1).

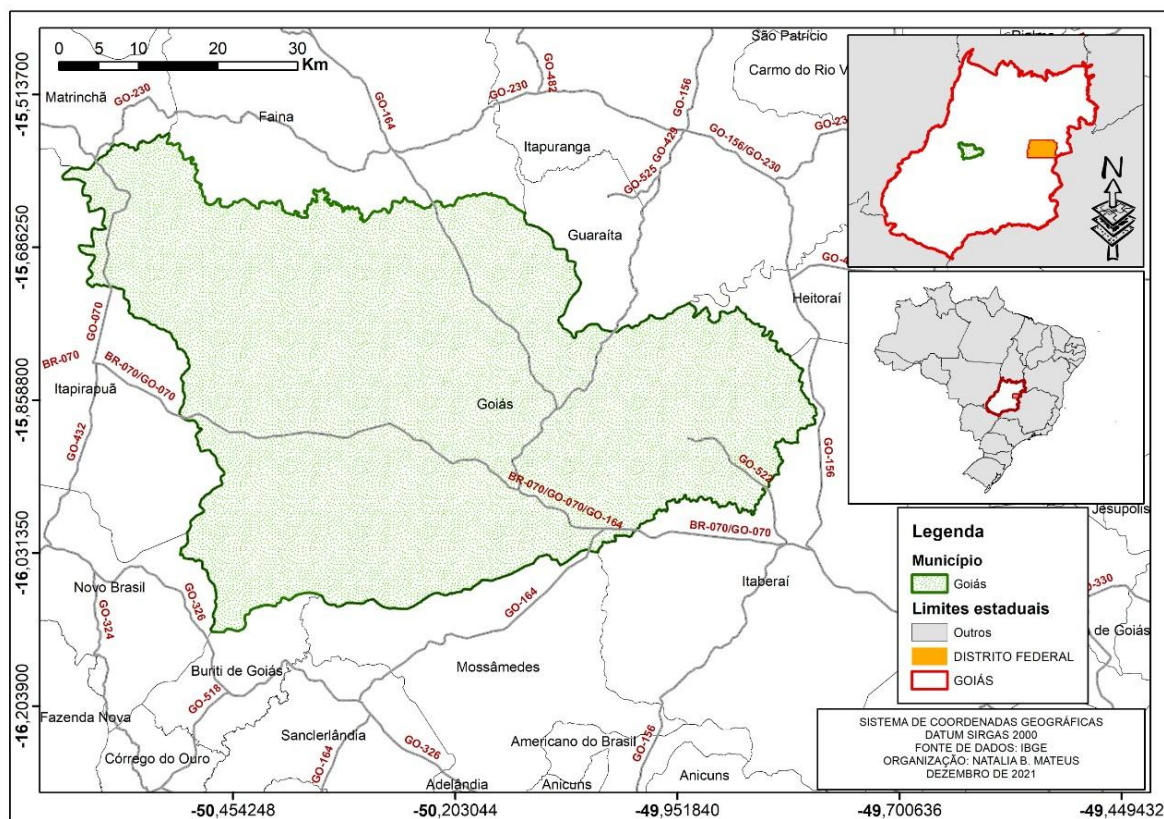


Figura 1. Município de Goiás, antiga capital do Estado de Goiás.

Fonte: Barbosa e Santos (2022).

Para além da pessoa, da doceira - que também escrevia contos e poemas -, hoje se pode pensar em Cora Coralina como uma ideia, uma marca que atrai pessoas de todo o Brasil para a cidade de Goiás. Pessoas que querem sentir o que Cora sentiu, que querem ver,

experienciar o que viveu. Não por acaso, seu nome, sua imagem e seus textos são cultivados e usados para o desenvolvimento do turismo na cidade. Cora vende Goiás.

Na paisagem de seus “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais” (figura 2) é que se produziu o Espaço Turístico no centro histórico da cidade de Goiás. Não por acaso, a casa onde viveu é o centro do turismo na cidade, ao redor do qual gravitam igrejas, casarões, nomes de famílias, doces cristalizados e, principalmente, histórias (figura 3).

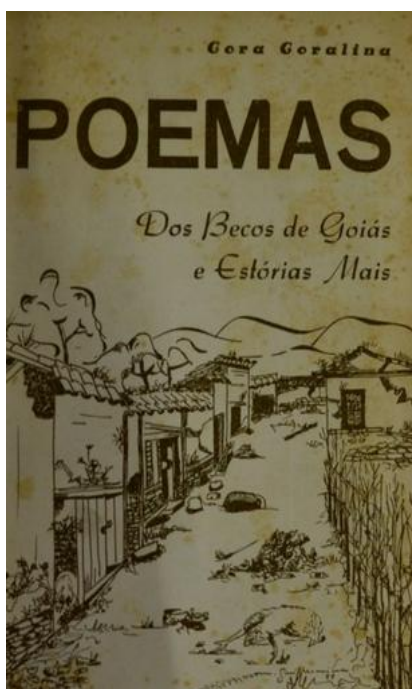


Figura 2. Obra de Cora Coralina, “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais”.
Fonte: Trabalho de campo realizado em maio de 2022.



Figura 3. Fotografia (a), estátuas (b, c) e busto de Cora Coralina com vistas de sua casa.
Fonte: Trabalho de campo e Museu Casa de Cora Coralina (maio de 2022), fotografia a).

Na forma de um relato de experiência a opção metodológica adotada para a elaboração deste trabalho se baseia numa revisão bibliográfica, com vistas a levantar e analisar informações sobre os temas abordados e constituir os pressupostos teóricos. Faz-se relevante sublinhar que o relato de experiência “torna-se mais uma possibilidade de criação de narrativa científica, especialmente no campo das pesquisas capazes de englobar processos e produções subjetivas, como é o caso da Geografia e de outros campos do saber” (Souza; Carneiro; Santos, 2023, p. 2).

Nesse contexto, “as referências dão suporte teórico, uma vez que mensura aspectos relevantes que permeiam a temática abordada” (Santos; Rodrigues, 2020, p. 45). De acordo com Geraldino (2014, p. 199), é “interessante observar que as pesquisas que se prestam a investigar conceitos, autores e propostas teóricas estão se fazendo em uma proporção considerável nos últimos tempos [...]”. Assim, os teóricos aqui refletidos consideram a importância do deslocar-se para a Geografia e chamam a atenção para as variadas possibilidades que o empírico propõe.

Assim, a construção deste trabalho, os caminhos que dão sustentação a este texto, foram construídos também a partir do levantamento da informação primária *in loco*, isto é, das observações empíricas que ocorreu no Centro Histórico da Cidade de Goiás. Sendo assim, este

estudo visa descrever “o movimento das interações culturais, com cuidados especiais ao observar as ações expressas na construção de manifestações [...]” (Barbosa; Santos, 2022, p. 75). Fez-se também uma investigação de caráter descritivo a partir do roteiro elaborado na disciplina “Geografia e Ordenamento do Espaço Turístico” do PPGE0 / UEG (Programa de Pós-Graduação em Geografia / Universidade Estadual de Goiás).

2. A VIDA DE CORA CORALINA – RELATO TEÓRICO NECESSÁRIO

Cora Coralina nasceu Ana Lins dos Guimarães Peixoto em 1889, na casa de sua família, às margens do Rio Vermelho. De origem aristocrática, a sorte da família de Cora acompanhava a da cidade de Goiás, em decadência econômica, fato retratado nos textos de Cora, que se refere a si mesma quando criança como Aninha (Siqueira; Reimer, 2020).

Aninha teve pouco estudo, sempre com a mestre-escola Silvina. Apesar disso, desde a adolescência publicava seus escritos em jornais do Estado de Goiás. Por essa época participava do Clube Literário Goiano, no salão do sobrado da família Vieira. Começou a usar o pseudônimo Cora Coralina para seus textos nessa época, presumidamente para esquivar-se da repressão familiar (Global, 2022).

Mudou-se para o Estado de São Paulo com Cantídio Tolentino de Figueirêdo Bretas, com quem teve seis filhos. O marido não aprovava que frequentasse meios literários, o que a privou de publicar seus textos por vários anos (Siqueira; Reimer, 2020). Morou em Jaboticabal, na capital de São Paulo, em Penápolis e Andradina. Após a morte do marido, trabalhou vendendo livros para a editora José Olympio e depois linguiça e banha de porco. Continuava a escrever seus textos e assumiu o pseudônimo Cora Coralina como nome. Cora passou 45 anos longe de Goiás (Lourenço, 2021).

Ao retornar, assumiu a velha casa da ponte, comprando a parte que cabia aos seus familiares e assumiu a profissão de doceira, que levaria até o fim de sua vida. Publicou seu primeiro livro, “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais”, pela Editora José Olympio em 1965, já com 75 anos. Seu reconhecimento no nível nacional, entretanto, só ocorreu após elogios de Carlos Drummond de Andrade, em 1980 (Lourenço, 2021) (figura 4). Faleceu em 1985, em Goiânia.



**Figura 4. A relação de Carlos Drummond de Andrade e Cora Coralina (nunca se viram, mas se admiravam).
Fonte: Rogério Borges, do jornal O Popular em 3 de agosto de 2021.**

Nesse entremeio, é fundamental trazer as palavras de Marandola Júnior e Gratão (2010) destacando que uma das grandes virtudes da literatura é a sua capacidade de ir do particular em direção ao universal. A história de uma cidade, os detalhes de um conflito não se limitam à trama de significados e sentidos que estão encetados em si próprios. Sua força reside no que aquelas narrativas específicas carregam do sentido universal de seus temas, conflitos e entendimentos.

3. BREVE HISTÓRIA GEOGRÁFICA DE GOIÁS

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a fundação da Cidade de Goiás está vinculada à busca por metais preciosos no interior do Brasil, por meio das Entradas e Bandeiras, ou seja, no primeiro século da colonização do Brasil, diversas expedições, “Entradas”, “Bandeiras”, “Descidas”, percorreram parte do território brasileiro e do atual Estado de Goiás. Essas expedições eram organizadas principalmente para explorar o interior e buscar riquezas minerais e para a captura de índios. Bartolomeu Bueno da Silva - o pai - alcançou o atual território do município de Goiás em 1683, seguindo orientações

de outros bandeirantes, encontrando ouro às margens do Rio Vermelho (IPHAN, 2022b). No local teria ganhado a alcunha de Anhanguera (diabo velho, em tupi) ao atear fogo em aguardente, assustando os indígenas.

Ainda segundo o IPHAN (2001), por determinação do governo da Capitania de São Paulo, à qual o atual território de Goiás pertencia, o filho de Anhanguera, de mesmo nome e que o acompanhou na bandeira de 1683, retornou ao mesmo local, fundando vários arraiais na região, vinculado a pontos de interesse para exploração de ouro, entre eles, o arraial de Sant'Anna em 1727, às margens do Rio Vermelho (figura 5).

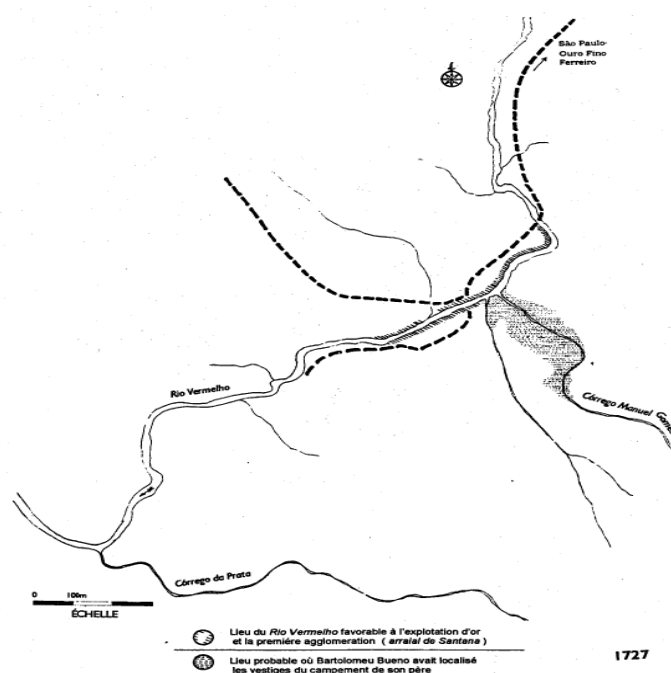


Figura 5. Mapa com a hidrografia das imediações do Centro Histórico de Goiás e as estradas utilizadas por Bartolomeu Bueno à época da fundação do Arraial de Sant'Anna. São destacadas as áreas favoráveis à exploração de Ouro e a área provável de acampamento de Bartolomeu Bueno. Fonte: IPHAN, 2001.

Com a fundação do Arraial, os mineradores começaram a se instalar e construir as primeiras residências, vinculadas à exploração de ouro, às margens do Rio Vermelho (IPHAN, 2022b). Em seguida se deu a construção da Capela de Sant'Anna e, também nessa época, foi iniciada a abertura dos primeiros caminhos, que condicionaram o traçado urbano do centro histórico (figura 6).

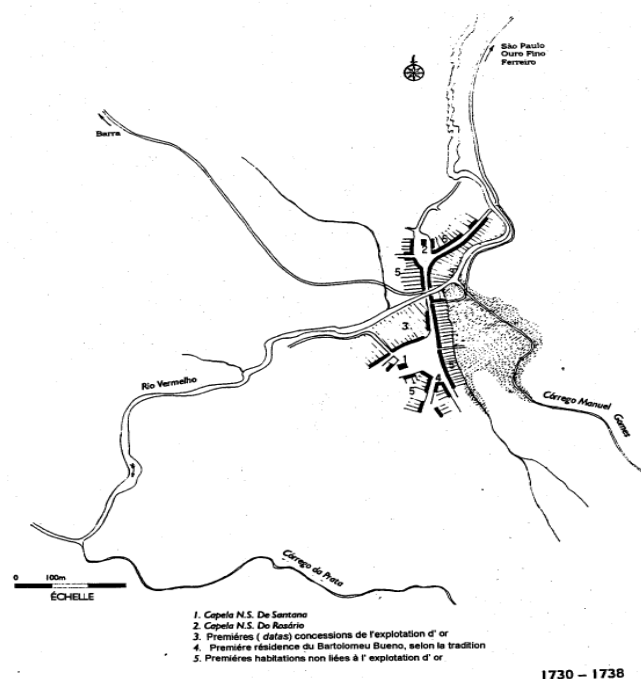


Figura 6. Mapa com a indicação das primeiras construções de Goiás. As principais construções foram a Capela de Sant’Anna (1) e de N.S. do Rosário (2). As primeiras áreas relacionadas à concessão para extração de ouro estavam próximas ao Rio Vermelho (3). A primeira residência de Bartolomeu Bueno (4) estaria no local ocupado hoje pela igreja de N.S. da Boa Morte. Também foram implantadas as primeiras habitações não vinculadas à exploração de ouro (5).
Fonte: IPHAN, 2001.

Em 1729, com a elevação do arraial à freguesia de Sant’Anna, as primeiras edificações definitivas foram implantadas no largo de Sant’Anna - em frente à capela - consolidando uma área mais nobre. Em 1739, a freguesia de Sant’Anna passa a ser chamada Villa Boa de Goyaz, em homenagem a Bartolomeu Bueno da Silva e, em 1749, passou a ser a capital da recém-criada Capitania de Goiás (IPHAN, 2022b).

Os primeiros caminhos da cidade são considerados orgânicos se adaptando, sobretudo, ao relevo e aos deslocamentos vinculados à atividade de extração de ouro (IPHAN, 2022a). Ressalva-se, entretanto, que na área urbana às margens do Rio Vermelho, os terraços fluviais constituem um terreno mais aplainado, não sendo empecilho para um traçado de vias mais regulares, ortogonais (Costa; Steinke, 2013).

A margem direita se manteve, inicialmente, dedicada às camadas mais populares, o que pode ser constatado pela implantação da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, dedicada originalmente aos negros escravizados (IPHAN, 2001). Já na margem esquerda foram implantados os primeiros edifícios oficiais, como a Matriz de Sant’Anna, o Palácio do Governo

(Conde dos Arcos), Quartel do XX, a Casa de Fundição, a Câmara e Cadeia (atual Museu das Bandeiras) e o Chafariz de Cauda (figura 7).

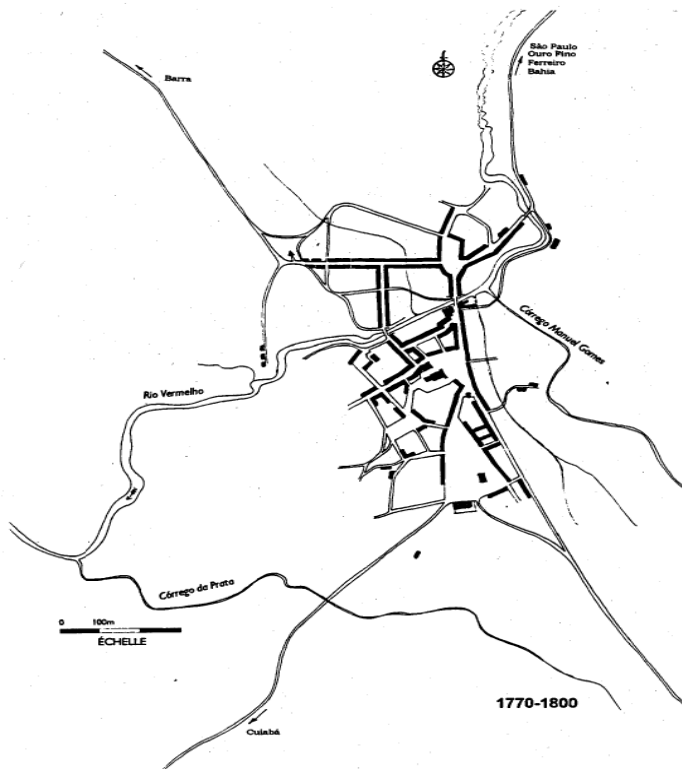


Figura 7. Entre 1770 e 1800 o Centro Histórico de Goiás já possuía conformação muito próxima à atual.
Fonte: IPHAN, 2001.

Considerando a distância da Villa Boa de Goyaz para os principais centros urbanos da época e a dificuldade relacionada com o transporte, as construções usavam, sobretudo materiais locais, adaptando o planejamento urbano e as técnicas construtivas da metrópole para as condições encontradas localmente (IPHAN, 2022b).

No final do século XVIII, a extração de ouro entrou em decadência, direcionando a atividade econômica de Villa Boa para a agropecuária e reforçando seu papel como sede administrativa da Capitania de Goiás - posteriormente Província e Estado. Em 1782 foi criada a primeira planta de Vila Boa (figura 8) e editado um código de posturas. Em 1818 foi considerada uma cidade e seu nome passou a ser Goiás (IPHAN, 2022b).

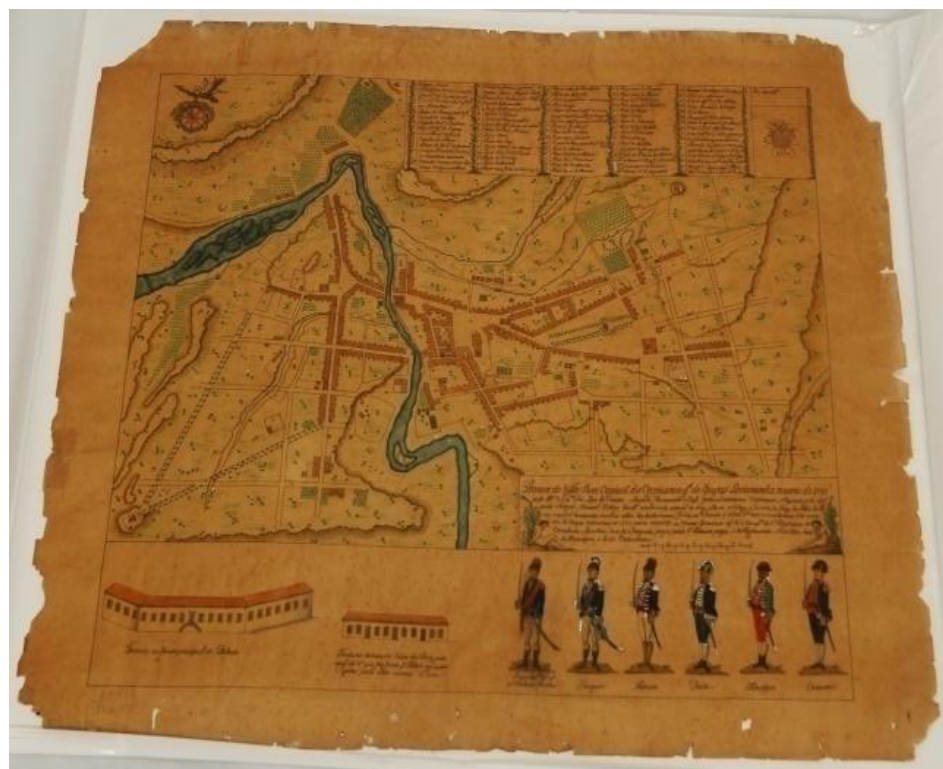


Figura 8. Primeira planta de Villa Boa de Goyaz, presente na coleção do Museu das Bandeiras, em Goiás
Fonte: IBRAM, 2022.

Na década de 1930, com a transferência da capital do Estado de Goiás para Goiânia e a desmobilização da estrutura administrativa, ocorreu um abatimento econômico ainda maior sobre a cidade (IPHAN, 2001), o que contribuiu para a manutenção de seu patrimônio urbanístico e arquitetônico.

4. O ESPAÇO TURÍSTICO NO CENTRO HISTÓRICO DE GOIÁS

Como cidade histórica, Goiás é rica em atrativos turísticos. Há o patrimônio arquitetônico, histórico e artístico cultural material e imaterial. Em 2001, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO declarou o Centro Histórico da Cidade de Goiás como Patrimônio Cultural da Humanidade. Também há o patrimônio natural, constituído pelo Cerrado, a Serra Dourada e cachoeiras no entorno da área urbana. Costa e Steinke (2013) colocam a cidade de Goiás no rol de cidades históricas turísticas ou com potenciais turísticos no Estado de Goiás.

Neste ponto é importante contextualizar o Turismo em relação à Geografia atual. Apesar de haver um grande número de trabalhos de Geografia Cultural que abraçam o tema, a Geografia do Turismo se coloca como um campo do conhecimento geográfico individualizado, em que o espaço turístico se constitui na categoria de análise (Albach; Gândara, 2011).

O espaço turístico se constitui através da reformulação de um espaço com atrativos turísticos, para torná-lo consumível, um produto (Rodrigues, 2011). Percebe-se, então, o turismo como um fenômeno de consumo do espaço e, como consequência, um agente de produção espacial. Rodrigues (2011) ainda aponta os elementos característicos - e diagnósticos - do Espaço Turístico: a oferta turística, a demanda, os serviços de transporte e hospedagem, sistemas de promoção e comercialização, entre outros.

Por ser, junto a Pirenópolis, a principal cidade com potencial turístico cultural do Estado, Goiás goza de recursos voltados à estruturação do seu espaço tanto de agentes públicos como privados, bem como tem ampla divulgação nos meios de comunicação (Costa; Steinke, 2013). Isso não impediu transformações do espaço urbano, como construções de novas edificações com características arquitetônicas diversas. Entretanto, há em Goiás uma preservação maior do patrimônio urbanístico e arquitetônico quando comparado com Pirenópolis, com um nível baixo de refuncionalização dos espaços.

5. DIÁLOGOS ENTRE O CENTRO HISTÓRICO DE GOIÁS E A POESIA DE CORA CORALINA

Em 12 de maio de 2022 a partir da disciplina “Geografia e Ordenamento do Espaço Turístico” do Programa de Mestrado em Geografia da UEG foi coordenado um trabalho de campo pelo Centro Histórico da Cidade de Goiás. Para tanto, os responsáveis pela atividade empírica se apoiaram em textos sobre Geografia do Turismo de autores como Albach e Gândara (2011) e Rodrigues (2011).

Nesse íterim, Cavalcante (2007, p. 72) pondera que uma viagem científica desenvolvida fora da escola / universidade é “[...] laboratório vivo de pesquisadores de diversas instituições e localidades. São geógrafos, biólogos, geólogos, turismólogos, historiadores, entre outros profissionais [...]”. Em reforço, Carneiro (2009) assevera-se que:

[...] o trabalho de campo é benéfico e cumpre seus objetivos científicos e pedagógicos. Portanto, dizemos que ele foi utilizado para vários fins pelos povos, correntes científicas e escolas geográficas; e, cabe ao geógrafo entoar a significância dessa atividade, onde o campo é um laboratório (Carneiro, 2009, p. 105).

Para Santos, Freitas e Carneiro (2018, p. 186) o trabalho de campo oportuniza a análise da “cidade real e concreta com *lôcus* para o moderno e os investimentos públicos, privados e produtivos, com uma cotidianidade influenciada pelo modo de vida e cultura dos povos do Cerrado”. Nesse contexto, o roteiro do trabalho de campo, da atividade apresentada neste artigo, seguiu os apontamentos do texto de Costa e Steinke (2013), que acompanham, de certa forma, a evolução do espaço urbano - e também do espaço turístico - do Centro Histórico de Goiás: Rio Vermelho, igreja de Nossa Senhora do Rosário, casa de Cora Coralina, Praça do Coreto (ou Largo da Matriz) e Largo do Chafariz de Cauda (figura 9).



Figura 9. Pontos visitados durante o trabalho de campo: (a) Praça do Coreto, (b) casa de Cora Coralina, (c) igreja de Nossa Senhora do Rosário, (d) Chafariz de cauda e (e) Rio Vermelho ladeando a casa de Cora Coralina.

Fonte: Trabalho de campo realizado em maio de 2022.

O Centro Histórico de Goiás é a paisagem de boa parte dos textos de Cora Coralina e é uma experiência interessante visitá-lo após a leitura de seus poemas e contos, em especial de seu primeiro livro, “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais”. Nesse cenário, a escrita de Cora “é um pressentir de linguagens poéticas por entre serras, rios, casarios, palácios, becos,

igrejas, sinos e gente – cenário intenso e borbulhante – vida – (vi)vida, tocada, contada, cantada, encantada, traçada por entre “Os becos de Goiás” (Gratão, 2010, p. 303).

“A cidade traçada por entre becos e escrita em versos é uma revelação da imaginação literária, abordagem contemplada pelos (per) cursos de investigação traçados pelo campo geográfico sobre o olhar experiencial e vivencial” (GRATÃO, 2010, p. 311). Goiás “é uma cidade apreendida pelo olhar, pelo sentido, por sensações, no deslocamento, nos movimentos, nas cores, no cheiro, nos sons e tons; no que é “visível” no “não visível”; que evoca sentimentos, emoções lembranças – que evoca o espírito do lugar” (Gratão, 2010, p. 316).

O Rio Vermelho é um elemento importante para a Geografia local, história da cidade, poesia de Cora e constituição do Espaço Turístico. No poema “Rio Vermelho”, Cora ressalta sua importância na vida da cidade e da sua:

(...) Rio, santo milagroso.
Padroeiro que guarda e zela
a saúde da minha gente,
da minha antiga cidade largada.
Rio de lavadeiras lavando roupa.
De meninos lavando o corpo.
De potes se enchendo d'água.
E quem já ficou doente da água do rio?
Quem já teve ferida braba, febre malina,
pereba, sarna ou coceira?
(...)
Da janela da casa velha
todo dia, de manhã,
tomo a bênção do rio:
-“Rio Vermelho, meu avozinho,
dá sua bença pra mim...”
(Coralina, 2012b, p. 58 a 61)

O Rio Vermelho divide a cidade em duas partes, unidas por três pontes no poema de Cora (atualmente são quatro). Os dois lados apresentam traçados de ruas regulares, quase ortogonais. Costa e Steinke (2013) constatam que a margem direita é tomada por um uso mais residencial, com poucos comércios ou equipamentos e atrativos turísticos, com destaque para o largo e igreja do Rosário (Nossa Senhora do Rosário). Em “A Jaó do Rosário”, Cora conta sobre uma ave dessa espécie que vivia no convento ao lado da igreja do Rosário e que cantava durante as missas, como se rezasse:

(...) “Tomai e comei. Este é o meu corpo.”
“E este é o meu sangue.”
“Fazei isto em memória de mim.”
... e canta o Glória,
aquela jaó.
(Coralina, 2012b)

A igreja do Rosário se distingue das demais construções por seu estilo arquitetônico neogótico e uso de materiais e técnicas diferentes dos utilizados no restante do Centro Histórico de Goiás (IPHAN, 2001). A igreja foi reconstruída em 1934, para substituir a original, erguida em estilo colonial em 1761.

Ainda na margem direita, está à Casa Velha da Ponte, onde Cora Coralina viveu sua infância - ainda como Aninha - e sua velhice. Essa casa se constitui no elemento central do turismo em Goiás, apesar de a margem direita ser a porção menos turística da cidade. Em várias poesias, Cora fala de sua infância pobre, das mulheres e histórias de sua família. A Casa Velha da Ponte é presença constante nessas poesias, mas surge como uma personagem - quase uma entidade. Não à toa, um de seus livros póstumos se chama “Estórias da Casa Velha da Ponte”: “Casa velha da ponte, és para o meu cântico ancestral uma bênção madrinha do passado” (Coralina, 2012a, p. 4) (figura 10).

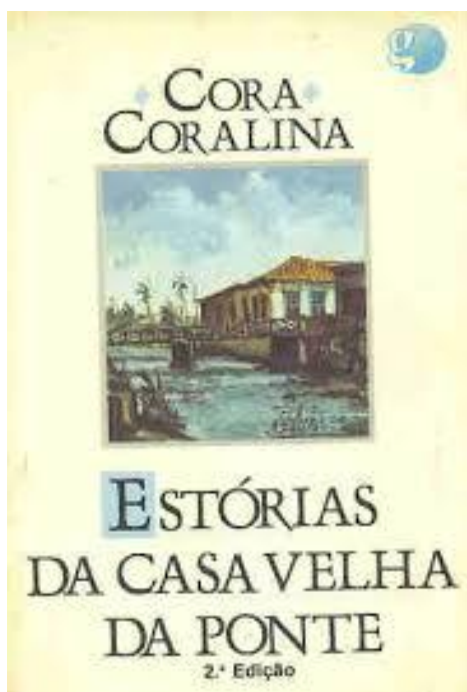


Figura 10. Obra de Cora Coralina, Estórias da Casa Velha da Ponte.
Fonte: Trabalho de campo realizado em maio de 2022.

A partir da Casa Velha da Ponte e atravessando o Rio Vermelho pela ponte da Lapa - “Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa” (Coralina, 2012b, p. 19) - chega-se à margem esquerda, onde está instalada a Cruz de Anhanguera (figura 11). Subindo a antiga Rua Direita, atual Rua Moretti Foggia, passa-se pela casa de número 13, onde funcionava a Escola da Mestra Silvina, onde Cora estudou: “(...) A casa da escola inda é a mesma. - Quanta saudade quando passo ali!” (Coralina, 2012b, p. 42).



Figura 11. Obelisco da Cruz de Anhanguera.
Fonte: Trabalho de campo realizado em maio de 2022.

Mais alguns metros e se chega até a Praça do Coreto ou da Liberdade, ou ainda Largo da Matriz e ao redor do qual se concentra a refuncionalização turística do acervo, que ocorreu em baixo grau, mantendo funções de moradia no centro histórico, em sua maior parte, de famílias tradicionais (Costa; Steinke, 2013). A Praça do Coreto concentra importantes edifícios históricos (figura 6), como a Matriz de Sant’Anna, instalada no local onde originalmente havia a Capela de Sant’Anna, primeira igreja do então Arraial de mesmo nome; o Palácio do Governo (Conde dos Arcos); e a igreja de Nossa Senhora da Boa Morte - atualmente um Museu de Arte Sacra. Na praça ainda há um chafariz e um coreto, no qual funciona uma sorveteria (figura 12).

Se por um lado à preservação do patrimônio arquitetônico, artístico e cultural da cidade está fortemente ligado às famílias tradicionalmente vinculadas ao poder, isso reflete uma cidade extremamente segregada. Essa segregação, tão comum às cidades em geral, é retratada em vários poemas de Cora:

(...) Fui criança do tempo do cinquinho,
do tempo do vintém.
(...) De velhos preconceitos
- orgulho e grandeza do passado.
Opulência. Posição social.
Sesmarias. Escravidão.
Caixas de lavrado.
(Coralina, 2012b, p.28).



**Figura 12. Parada do trabalho de campo no Largo da Matriz. Ao fundo a Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e o Palácio do Governo (Conde dos Arcos).
Fonte: Trabalho de campo realizado em maio de 2022.**

Em seu poema “Becos de Goiás”, Cora explicita ainda mais essa segregação, mostrando pessoas marginalizadas vivendo nos becos da cidade, espaços menos privilegiados:

(...) Conto a estória dos becos,
dos becos da minha terra,
suspeitos... mal-afamados
onde família de conceito não passava.
“Lugar de gentinha”- diziam, virando a cara.
De gente do pote d’água;
De gente de pé no chão.
Becos de mulher perdida.
(Coralina, 2012b, p. 68)

As pessoas marginalizadas também surgem em outros dos “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais”, como Mulher da Vida, A Lavadeira, Menor Abandonado, Oração do Pequeno Delinquente e Oração do Presidiário.

Seguindo para o sul, subindo a vertente e se distanciando do Rio Vermelho, chega-se ao Largo do Chafariz de Cauda, uma ampla área aberta pontuada por Costa e Steinke (2013) como única na construção urbana histórica no Brasil, permitindo uma ampla visão da paisagem natural e do patrimônio construído, somado à importante presença do chafariz, que se destaca em meio à amplitude do largo (figura 13). Na porção mais elevada, no extremo sul do largo, há o Museu das Bandeiras, edifício imponente, construído na segunda metade do século XVIII para ser tanto Câmara como Cadeia Municipal.



Figura 13. Parada do trabalho de campo no Largo do Chafariz, com o Chafariz de Cauda ao fundo e parte do Museu das Bandeiras, à direita.

Fonte: Trabalho de campo realizado em maio de 2022.

Uma lembrança de Cora sobre o Largo do Chafariz também se refere aos marginalizados de Goiás, citando castigo comum às meretrizes que eventualmente incomodavam com sua existência:

(...) Queriam alegria. Faziam bailaricos.
- Baile Sifilítico - era ele assim chamado.
O delegado-chefe de Polícia - brabeza -
dava em cima...
Mandava sem dó, na peia.
No dia seguinte, coitadas,
cabeça raspada a navalha,
obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,
na frente da Cadeia.
(Coralina, 2012b, p. 69).

Não à toa, a cidade onde Cora Coralina viveu sua infância e sua velhice a tem como maior referência cultural. Existe uma reciprocidade entre a cidade e a poetisa no que se refere à construção de identidades. A cidade em que Aninha se descobriu Cora Coralina foi largamente registrada em seus poemas e contos. Se por um lado a caminhada pelo Centro Histórico de Goiás nos permite ler a cidade e a entender como construção histórico-geográfica, por outro lado nos dá sentido e vida aos textos de Cora Coralina.

De acordo com Gratão (2017, p. 303) a Cidade de Goiás não é só “história, é feita de gente, sobretudo de gente simples, marginalizada. Além de pedras, história, relevo e clima, a cidade tem uma poética que a transfigura e reconstrói num discurso de significações múltiplas”. De acordo com Silva e Carreto (2020, p. 220), a geografia olha para o espaço e lá estão todas as coisas, “inclusive os sinais do tempo, todos sentidos que conseguimos apreender e aqueles que ainda esperam para serem descobertos. A literatura olha fundamentalmente para os sentidos das coisas, a consciência das coisas”.

A cidade é, assim, por excelência, o lugar da vivência e da atividade literária que faz com que o próprio texto urbano transforme-se em páginas escritas. Contudo, tanto a literatura como a cidade são detentoras, neste caso, de uma paisagem intercambiável, ubíqua e plena de sentidos (Silva; Carreto, 2020, p. 233).

Assim, para Castrogiovanni (2013), as cidades são representações dos macros movimentos dos sujeitos que atuam com grande capacidade de organização, transformação e reordenação. Elas são um recorte do mundo, onde, independentemente de suas dimensões ou

relevância regional, vibram e se transformam de acordo com as necessidades e solicitações das políticas e movimentos sociais locais, atrelados cada vez mais aos movimentos globais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o passar dos anos, é de se esperar que o espaço urbano seja modificado. O conjunto urbanístico e arquitetônico do Centro Histórico de Goiás, entretanto, permanece preservado, o que pode ser explicado por alguns fatores bastante evidentes e outros nem tanto. A depressão econômica que se abateu sobre a cidade ao final do século XVIII, com a drástica redução da atividade minerária, foi determinante para a manutenção desse patrimônio até o início do século XX. Mas a transferência da capital do Estado para Goiânia, na década de 1930, é a principal responsável por evitar transformações significativas quando houve a maior dinamização das relações urbanas no Brasil, com desenvolvimento de transportes e implementação de técnicas construtivas mais modernas.

Não se pode negar a importância das famílias tradicionais da cidade, que buscavam conservar seu modo de vida e as aparências de um passado de opulência econômica e importância política no cenário local. Existe, aparentemente, um aspecto provinciano na preservação, que visa manter a importância da elite local – conservadora e tradicional – em detrimento a uma elite econômica que chega de outras localidades. Essa preservação provinciana impede uma dinamização econômica vinculada a um sentido cosmopolita, como a que é mais presente em Pirenópolis, por exemplo.

Mais recentemente, o tombamento pelo IPHAN e a declaração de Goiás como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO assumiram papéis importantes na conservação do patrimônio, o que pôde ser visto na reconstrução das edificações destruídas pela enchente de 31 de dezembro de 2001, que mobilizou a cidade e as instituições estaduais e federais (figura 14).



Figura 14. Cenários da enchente de dezembro de 2001 na cidade de Goiás.

Fonte: <http://www.guiagoiasmais.com/2019/02/enchente-de-2001-que-devastou-populacao.html> (2023).

Goiás é uma cidade ambígua como tantas outras. A presença de uma elite local com forte caráter familiar foi determinante na preservação do patrimônio, mas também nos processos de marginalização. Esse efeito ocorreu desde a fundação da cidade, com a segregação espacial que deixou marcas visíveis no Centro Histórico. Em um processo mais recente, a população mais pobre foi novamente deslocada do centro histórico para uma nova periferia, distante e invisível ao Centro Histórico.

A poesia de Cora Coralina captou esses conflitos entre uma elite tradicional de Goiás e a população marginalizada. Mas também cartografou importantes aspectos urbanos do Centro Histórico, contextualizando a vida e os becos da cidade. Atualmente é o principal elemento que atrai pessoas para o turismo cultural em Goiás. Diante dessas características, a reflexão ao final do trabalho de campo é que o turismo em Goiás é de base local, pouco dinamizado e com pouca refuncionalização do espaço turístico no Centro Histórico. O desenvolvimento do turismo é uma oportunidade de dinamização econômica, mas também um risco à preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade, em especial aos ares de cidade do interior, tão marcados na poesia de Cora Coralina.

REFERÊNCIAS

ALBACH, V. M.; GÂNDARA, J. M. G. Existe uma geografia do turismo?. **Revista Geográfica de América Central**, Herida, v. 2, p. 01-16, jul. / dez. 2011.

BARBOSA, O. X.; SANTOS, J. C. V. Cafés e turismo nos quintais do Centro Histórico da Cidade de Goiás. **Revista dos Algarves**, Faro, n. 41, p. 70-89, 2022.

BORGES, R. **Exposição resgatará a correspondência entre Cora Coralina e Drummond**. Goiânia: Jornal O Popular, 3 ago. 2021. Disponível em: <<https://opopular.com.br/magazine/exposic-o-resgatara-a-correspondencia-entre-cora-coralina-e-drummond-1.2296012>>. Acesso em: 11/10/2023.

CARNEIRO, V. A. **Concepções de trabalho de campo e ensino de Geografia nas licenciaturas do Sudeste Goiano**. 2009. 272 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

CASTROGIOVANNI, A. C. Turismo, organização e reconstrução do espaço urbano contemporâneo. **Revista Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, v. 5, n. 3, p. 381-389, jul. / set. 2013.

CAVALCANTE, M. B. Parque Estadual da Pedra da Boca / PB: um olhar sobre o planejamento do ecoturismo em unidades de conservação na Paraíba. **Revista Okara**, João Pessoa, v. 1, n. 2, p. 62-78, 2007.

CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. São Paulo: Global, 2012a.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global, 2012b.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: Meias Confissões de Aninha**. São Paulo: Global, 2012c.

COSTA, E. B; STEINKE, V. A. Cidades históricas do Estado de Goiás, Brasil: uma agenda de pesquisa. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 164-195, 2013.

GERALDINO, C. F. G. O meio como ambiente: da emergência às críticas de um conceito. **Revista Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 198-220, ago. 2014.

GRATÃO, L. H. B. Por entre becos & versos – a poética da cidade vi(vi)da de Cora Coralina. In: MARANDOLA JÚNIOR, E.; GRATÃO, L. H. B. **Geografia & Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EdUEL, 2010. p. 297-328.

GRUPO EDITORIAL GLOBAL. **Cora Coralina**. Disponível em: <<https://grupoeditorialglobal.com.br/autores/lista-de-autores/biografia/?id=2077>>. Acesso em 15 ago. 2022.

GUIA GOIÁS MAIS. **Enchente de 2001 que devastou a população beira rio de Goiás Velho**. Disponível em: <<http://www.guiagoiasmais.com/2019/02/enchente-de-2001-que-devastou-populacao.html>>. Acesso em: 11 out. 2023.

IBRAM - INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Planta de Vila Boa**. Disponível em: <<https://museusibramgoias.acervos.museus.gov.br/museu-das-bandeiras/mapa/>>. Acesso em: 15 ago. 2022.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Centro Histórico de Goiás (GO)**. Brasília: IPHAN, 2022. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/36>>. Acesso em: 15 ago. 2022a.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **História - Goiás (GO)**. Brasília: IPHAN, 2022. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1477/>>. Acesso em: 15/08/2022b.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Proposition d'inscription de la ville de Goiás sur la liste du patrimoine mondial**. Brasília: IPHAN, 2001. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/uploads/nominations/993.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2022.

LOURENÇO, E. Cora Coralina: a história da poeta que publicou seu primeiro livro aos 75 anos. **Revista Bula**, Brasília; Goiânia, set. 2021. Disponível em: <<https://www.revistabula.com/25994-cora-coralina-a-historia-da-poeta-que-publicou-seu-primeiro-livro-aos-75-anos/>>. Acesso em: 15 ago. 2022.

MARANDOLA JÚNIOR, E.; GRATÃO, L. H. B. **Geografia & Literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EdUEL, 2010.

RODRIGUES, A. B. Geografia e turismo – notas introdutórias. **Revista do Departamento de Geografia (USP)**, São Paulo, n. 6, p. 71-82, 2011.

SANTOS, J. C. V.; FREITAS, D. P.; CARNEIRO, V. A. Turismo, educação e trabalho de campo em uma paisagem protegida: uma realidade observada, analisada e contextualizada. **Revista Okara**, João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 176-192, 2018.

SANTOS, J. C. V.; RODRIGUES, K. A. A música sertaneja na perspectiva geográfica: a cidade, suas raízes, fusões culturais e o tempo de lazer. **Revista Geoambiente On-line**, Jataí, n. 36, p. 43-63, 2020.

SILVA, V. C. P.; CARRETO, C. F. C. O imaginário entre a geografia e a literatura. **Revista Sapiência**, Iporá, v. 9, n. 1, p. 219-236, 2020.

SIQUEIRA, E. L.; REIMER, I. R. Vida e obra de Cora Coralina. **Revista Caminhos**. Goiânia, v. 18, p. 930-942, 2020.

SOUZA, J. M. S; CARNEIRO, V. A.; SANTOS, J. C. V. Caminho de Cora Coralina no Cerrado goiano e suas paisagens geohistóricas, bióticas / abióticas, literárias e turísticas. **Revista Mirante**, Anápolis, v. 16, n. 1, p. 01-17, jun. 2023.